

# Amazônia brasileira?

CARRION JÚNIOR

“A demarcação da reserva Ianomani, pela forma e extensão com que se concretizou, fruto de pressões internacionais dos desenvolvidos, e estabelecendo, em região de fronteira, área superior a Portugal para menos de 10 mil pessoas, transforma o bom senso em aberração e uma falta de responsabilidade pública”.

“A crise nacional, cuja origem maior é a sobreposição de uma recessão destruidora sobre um país pobre e desigual, criando um paulatino desmoronamento de nossas estruturas sociais, está agora destruindo nossas próprias referências de nação e nacionalidade”.

No ano passado, durante o governo Collor, nestes termos, assinei artigo nesta página, e manifestei-me no plenário da Câmara denunciando esta desastrosa demarcação. Na ocasião, fomos alguns poucos parlamentares a avaliar a gravidade do que estava ocorrendo, e a pedir das lideranças militares um maior esclarecimento à nação sobre as medidas prejudiciais à nossa integridade territorial.

Infelizmente, na época, prevaleceu a vontade imperial e irresponsável do presidente da República, com um amplo silêncio conivente de grande número de lideranças e autoridades. Enfatizo isto, passado um ano do episódio, para que aprendamos sobre os erros do passado. Se hoje Collor ainda fosse presidente, ou por não ter sido cassado por corrupção, ou até por não ter sido corrupto, dificilmente estaríamos com o assunto novamente em pauta, e teríamos nosso território inapelavelmente à mercê da cobiça internacional.

Parece que somente a acintosa coragem dos americanos, instalando abertamente bases militares em torno da reserva Ianomani, foi capaz de abrir os olhos da nação brasileira. Felizmente estamos vendo, neste momento, os militares alertarem, ainda em tempo, sobre a vulnerabilidade da nossa Amazônia, e os interesses

econômicos que já se movimentam, usando como ponta de lança a nova polícia internacional, formada pelas tropas americanas, sob a chancela jurídica das Nações Unidas.

Mas as surpresas estão aí para serem vividas. Leio agora que o embaixador americano está “francamente perplexo” com a nossa reação, e fico pensando em como os americanos agiram quando os russos instalaram alguns foguetinhos em Cuba: levaram o mundo à beira de uma guerra nuclear, que só por pouco não nos arrastou a todos! A simpatia do embaixador Richard Melton só me faz interpretar esta declaração como meramente “protocolar”.

Está na hora de abirmos os olhos e não continuarmos ingenuamente imaginando que acabou a história, e que as forças armadas dos países ricos não são mais o braço direito da diplomacia, e este o dos interesses econômicos. Enquanto fazemos coro com os ecologistas americanos que querem preservar “nossa” Amazônia, as forças armadas americanas salpicam bases do outro lado da fronteira e constroem pistas para operarem jatos a propósito de combater o narcotráfico! Enquanto os desenvolvidos continuam investindo pesadamente em defesa, temos vergonha desses gastos, mesmo sendo um dos países que menos gasta em relação ao seu PNB. Enquanto os desenvolvidos continuam com os seus arsenais nucleares fechados a qualquer inspeção internacional, nós queremos, inclusive com anuência equivocada de autoridades militares, aprovar na Câmara “acordos” que abrem nossas pesquisas na área à inspeção internacional. Está na hora de abirmos os olhos e perdermos a vergonha de defender a integridade nacional do Brasil.

■ Carrion Júnior é secretário do Planejamento e da Administração do Rio Grande do Sul